

A INFLUÊNCIA DA ESCOLA NA VIDA DAS JUVENTUDES BRASILEIRAS

Deane Taiara Soares Honório¹
Fernanda Karina Souto Maior de Mello²
Jacyelle Karinne Bento³
Mayara Ferreira Alves⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir o papel da educação escolar na vida das juventudes brasileiras, buscando entender a respeito de como os jovens a compreendem. Deste modo, as discussões foram pautadas nas reflexões sobre o que pensam as juventudes em relação à escola e de como idealizam um futuro ancorado no que ela pode lhes proporcionar. Os resultados indicam que os jovens querem estar na escola e que gostam de estudar, mas desejam que ela se renove e que tenha melhores condições para atendê-los, junto às suas reais necessidades. No entanto, evidencia-se que para atender a esse público a escola deve ser acolhedora em vez de ser excludente, e deve assumir sua responsabilidade social de formar pessoas para conviver em cidadania e garantir oportunidades iguais para todos, com acesso aos mesmos direitos sociais.

Palavras-chave: Juventudes brasileiras, Escola, Educação.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre a relação entre os jovens e as escolas têm se voltado para uma questão de culpabilidade pelo fracasso deste processo, em que se questiona quem é o responsável por tal situação, os estudantes ou os professores? Com a perspectiva de fugir desse enlace, o que tem sido buscado nas pesquisas atuais são as novas formas de sociabilidade juvenil, que conseqüentemente, tem ocasionado profundas mudanças nos demais aspectos que perpassam a vida do jovem. Segundo Dayrell (2007), esta situação é vista pelos profissionais e pelos jovens da seguinte maneira: na perspectiva da escola e dos seus profissionais, as contradições estão localizadas nos jovens, já que as particularidades de presunção, egoísmo, leviandade, que vive em busca do prazer, entre vários outros atributos negativos, é que estariam propiciando o desprezo aos estudos na escola. Por outro lado, na visão dos jovens, o espaço escolar tem se apresentando em um caminho diferente daquele que eles almejam, limitada a um dia a dia entediante, em que os professores não se empenham em oferecer algo relevante às suas escolarizações, e isso tem se transformado em uma imposição que eles necessitam seguir, já

¹ Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, deane_taiara@hotmail.com;

² Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, nandasoutomaior@hotmail.com;

³ Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, jacyellekbento@gmail.com;

⁴ Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, mayferreira.s.mf@gmail.com.

que precisam concluir e receber o diploma. A polêmica se concentra na juventude ou na escola, e de fato há muito tempo esses atores apontam em direção ao abismo, já que não tem sido pensando que o problema pode estar em outro lugar. Se a juventude só pensa no seu bel-prazer e a escola permanece na mesmice, tornando-se uma fabricante de títulos, talvez este empasse já tivesse sido resolvido, com uma melhor orientação aos estudantes feita pela escola e, esta, por sua vez, oferecendo para eles mais dinamismo. É sabido que só com orientação e dinamicidade o problema não seria resolvido, mas já seria um ponto de partida. No entanto, a questão envolve mais do que isso, se sobrepõe a culpa dada aos jovens ou aos professores.

Este trabalho se apoia na metodologia da pesquisa exploratória, utilizando a técnica da coleta das informações por meio da pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e análise de conteúdo. A pesquisa exploratória é aquela em que não é necessário se ter hipóteses definidas, pois ela visa identificar diferentes contextos, compreensões e ideias a respeito de um tema ou objeto, mesmo que o pesquisador já tenha algum conhecimento sobre o conteúdo, ela continua sendo importante pois permitir ampliar sua concepção ou modificá-la. No caso da pesquisa bibliográfica, ela deve ser empregada em todo estudo científico, já que garante o acesso às construções teóricas e empíricas relacionadas a algum assunto em específico, produzidas anteriormente, oferecendo um mecanismo de análise para o estudo. Por sua vez, a abordagem qualitativa faz uso das informações obtidas procurando seus sentidos, já que “esta abordagem parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado” (ALVES, p.54, 1991). Deste modo, a pesquisa qualitativa, também conhecida por estudo naturalista, visa enfatizar o processo da trajetória de busca, em vez de focar nos resultados, também não se preocupa em confirmar as hipóteses criadas para o estudo, apenas centraliza os aspectos intrínsecos ao sujeito de análise. Com intenção de perceber quais os sentidos que ele atribui às suas vivências e experiências, bem como o valor e o interesse que ele demonstra ter por elas. Por fim, é a análise de conteúdo que possibilita vislumbrar informações que ficaram secundarizadas ou implícitas nos “conteúdos das comunicações” em análise, buscando elencar seus componentes e sua estrutura para elucidar suas características (OLIVEIRA, 2011).

O interesse pelos estudos das juventudes vem desde a formação inicial da primeira autora deste trabalho na graduação, que estabeleceu suas pesquisas no campo das políticas públicas da juventude camponesa. Posteriormente, parte das autoras deste trabalho participaram de uma disciplina eletiva da pós-graduação em Educação que discutiu especificamente a relação entre juventude e escolarização, ampliando a visão sobre essa área de estudo e construindo uma

concepção da importância desse tema para a sociedade. Ademais, todas as autoras desta pesquisa entendem que as juventudes precisam receber a devida atenção e que o Brasil deve investir cientificamente em pesquisas que aumentem este campo teórico no país e contribua para a promoção da qualidade de vida desses sujeitos. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar de modo exploratório o papel da educação escolar na vida das juventudes brasileiras e descrever como os jovens a compreendem. Deste modo, a seguir serão discutidas as reflexões de Dayrell (2007) e Santiago (2016) sobre o que pensam as juventudes em relação à escola e de como idealizam um futuro ancorado no que ela pode lhes proporcionar. Ademais, apresentar-se-ão as considerações finais a que se chegou sobre a temática.

A CONJUNTURA CONTEMPORÂNEA DAS JUVENTUDES

Em alguns estudos, como o de Carvalho (2016) e Santiago (2016), demonstram o processo histórico em que a juventude já foi considerada somente como etapa de transição entre a infância para a vida adulta, definindo-os em uma faixa etária entre 15 a 29 anos. Desse modo, sociologicamente eles estariam sendo preparados para assumir uma posição no mundo do trabalho e para a construção de suas próprias famílias. Mas, com o tempo essa percepção vem sendo modificada, atualmente muitas pesquisas, como as já referenciadas, têm discutido os jovens a partir de seus aspectos culturais, históricos, políticos e outros. De acordo Santiago (2016, p. 41) “em determinadas culturas, na designação do período juvenil, este conceito pode ser ampliar para baixo ou para cima, podendo estender-se entre uma faixa máxima que compreende desde os 12 e vai até os 35 anos de idade”. Mesmo com as diferentes compreensões sobre a diversidade juvenil ganhando espaço nas pesquisas científicas, existem alguns consensos, entre eles estão a juventude que frequenta a escola e demanda pela criação de políticas públicas específicas (SANTIAGO, 2016). Nesse sentido, Dayrell expõe que

[...] as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços (2007, p.1106-1107).

Diante destes aspectos, o que será levado em consideração é o entendimento da Condição Juvenil, estando situada em dois aspectos. O primeiro diz respeito a dimensão simbólica e o segundo a dimensão histórico-geracional. Ambos representam como a sociedade constrói seus sentidos para este período da vida, e como os jovens a vivenciam, estando enquadrados a partir das diferenças de classe, de gênero, étnicas e outros. Essa Condição Juvenil reflete a conjuntura que está inserida, que é a das mudanças sociais e culturais, que estão

acontecendo desde as últimas décadas no ocidente, construindo uma nova estrutura de sociabilidade. A situação de trabalho para a juventude continua sendo uma dificuldade, sobretudo, para os jovens pertencentes às classes baixas, pois quando conseguem um emprego, geralmente, são expostos a condições desfavoráveis que pouco agregam valor às suas vidas, e muitas vezes apenas fornecem o mínimo, que só possibilita a manutenção de uma ou outra de suas necessidades básicas. De acordo com Dayrell (2007, p. 1109), a juventude no Brasil não deve ser definida “[...]pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo.

Para os jovens brasileiros, que são pobres, a entrada no mundo do trabalho não pode ser postergada. A realização do trabalho, para eles, não pode ser suspensa ou atrasada, pelo contrário, é uma condição obrigatória para estes jovens, que se vinculem há alguma função que lhes retribua com renda, ainda que esta seja pequena. Mesmo diante desta situação, a escola continua fazendo parte de suas vidas, funcionando como uma aliada da realidade desses sujeitos, que além de serem jovens, são também estudantes e trabalhadores. A escola e o trabalho andam juntos, ainda que haja em determinados momentos adversidades em conciliá-los, forçando o abandono da escola. À vista disso, é possível compreender que

[...] o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que ‘o trabalho também faz a juventude’, mesmo considerando a diversidade existente de situações e posturas por parte dos jovens em relação ao trabalho (SPOSITO, 2005 *apud* DAYRELL, 2007, p.1109).

O trabalho contribui para que o jovem possa se afirmar enquanto sujeito que faz parte de um grupo social, que possui suas especificidades e desejos próprios. Ao se integrar no campo de trabalho, o sujeito assume situações que podem ser positivas ou negativas, a depender de que tipo de emprego que se esteja falando, pode ganhar mais ou menos, poder ter seus direitos respeitados ou não. No entanto, de forma geral, por meio do exercício de tarefas, adquire alguma condição de subsidiar sua “Condição Juvenil”. Para Dayrell, há ainda outras implicações, como é possível observar:

Todavia, com todos os limites dados pelo lugar social que ocupam, não podemos esquecer o aparente óbvio: eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida (DAYRELL, 2007, p.1109).

O trabalho também faz às juventudes, mas há outros delineamentos que precisam ser atendidos. O lugar de cada indivíduo diz muito sobre suas condições de sobrevivência, e ainda

que não seja determinante, influencia a forma como cada um vai lidar com as situações e resoluções de conflitos. E tudo isso não impede o jovem de sonhar, de ter perspectivas de mudanças, de desejar conquistar coisas materiais, outros espaços, momentos e pessoas. Em relação aos grupos culturais de jovens que contribuem na definição de suas culturas, são os lugares em que se sentem livres para fazerem suas escolhas, espaço de trocas, onde permanecem por afinidade as práticas existentes, em que identificam seus símbolos e podem manter relações. Dessa forma, para Dayrell (2007, p.1110) “o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção de uma autoestima, possibilitando-lhes identidades positivas”. São nesses territórios que cada grupo de jovens constroem seus estilos, seus sentidos e se fazem únicos, não há homogeneidade, eles são movidos pelos desejos inerentes a cada coletivo e pela interferência do mundo externo.

Por esse motivo, Dayrell (2007, p.1110) diz que “em torno do mesmo estilo cultural podem ocorrer práticas de delinquência, intolerância e agressividade, assim como outras orientadas para a fruição saudável do tempo livre ou, ainda, para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias”. Estes grupos podem apresentar uma postura mais centrada nas questões de mobilidade social, em prol de uma ação que acreditam ser justa e benevolente para a maioria, que tenha como resultado a conquista de direitos; ou uma postura mais irresponsável, com uma ideologia vingativa, com um senso de justiça equivocado e distorcido, sendo conduzidos mais pela delinquência do que pela educação. Conforme Dayrell,

As discussões, brigas e até mesmo atos de vandalismo e delinquência, presentes entre os jovens, não podem ser dissociados da violência mais geral e multifacetada que permeia a sociedade brasileira, expressão do descontentamento dos jovens diante de uma ordem social injusta, de uma descrença política e de um esgarçamento dos laços de solidariedade, entre outros fatores (2007, p.1111).

A postura de cometer infrações ou até mesmo crimes, por parte dos jovens, se dá, em certa medida, pela frustração em resistir a uma sociedade tão desigual, rodeado pela marginalidade, pela corrupção, pela violência e pela pobreza. Essas são questões latentes no dia a dia dos jovens que convivem com fatores como estes, que limitam suas percepções e seus encantamentos com a vida, lhes restando apenas o desprezo por tudo que lhes afligem e os derrota. São esses sentimentos negativos que movem o pensar e o agir de muitos jovens brasileiros situados na miséria, pela falta de recursos básicos de sobrevivência. No entanto, mesmo diante de tais problemáticas, alguns jovens não reconhecem seu espaço de moradia apenas pelos aspectos negativos, muitos se identificam com o lugar que residem, e nele concebem seus sentidos “afetivos e simbólicos”. Nesse sentido, Dayrell salienta que é possível

[...] ver isso no sentido que atribuem à rua, às praças, aos bares da esquina, que se tornam [...] o lugar privilegiado da sociabilidade ou, mesmo, o palco para a expressão da cultura que elaboram, numa reinvenção do espaço. Podemos dizer que a condição juvenil, além de ser socialmente construída, tem também uma configuração espacial (2007, p.1112).

São os espaços habitados pela juventude que ganham significado em suas vidas, pois neles compartilham alegrias, tristezas, conhecem pessoas, vivem situações, produzem seus modos de ser e ver o mundo à volta, constroem relacionamentos, aprendem e produzem culturas. E além da comunidade onde vivem, eles ocupam também os demais espaços urbanos, neles fazem suas apresentações artísticas culturais, os encontros dos diferentes grupos que integram, fazem suas festas, experienciam à suas próprias maneiras o divertimento oriundo do lazer. Santiago (2016) realizou um estudo que teve como objetivo refletir sobre o discurso dos jovens sobre o papel da escola e da educação nas suas perspectivas futuras. Desse modo, realizou uma entrevista estruturada e fez uso da técnica da análise do discurso, desses jovens. Foram participantes da pesquisa 25 jovens que possuem entre 15 a 35 anos de idade e estudam o Ensino Médio ou superior da rede pública e privada do estado da Paraíba e Pernambuco. A pesquisadora aponta em seu texto sobre a condição da juventude de acordo com o censo demográfico (2000), coletados do IBGE em 2016, em que se verificou que são os jovens que reivindicam mais postos de trabalho.

Outro ponto que deve ser considerado é que apesar dos números terem aumentado de 8,2 milhões de jovens na década de 40, para 31 milhões em 2016, tem ocorrido uma diminuição da juventude comparando com a população total brasileira, pois antes a porcentagem correspondia a 20,1%, e em 2016 marcava o valor de 19%. A condição do jovem no Brasil é preocupante, visto que cerca de 7,9 milhões de jovens brasileiros vivem em condição de pobreza, 11 jovens são assassinados por dia. Em 2009, dentro de um grupo de 100 mil pessoas, 19,1 dos jovens morreram vítimas de homicídio (SANTIAGO, 2016). Existe uma grande expectativa sobre a juventude, pois esta geração tem marcado presença em grandes movimentos e proporcionado mudanças na sociedade. Mas, com suas diferenças, muitos jovens são excluídos socialmente e acabam se envolvendo com tráfico de drogas, com o crime organizado, alguns se tornam viciados, entram na prostituição e muitos são assassinados. Parte significativa destes jovens são negros, pobres e são do sexo masculino. Essa situação advém de problemas estruturais como a falta de acesso a direitos sociais, tais como, educação, cultura, esporte, lazer, trabalho, saúde, que estão como um dos pontos mais emergentes a serem considerados. Além disso, há a questão do desmonte das famílias, sem condições de manter o jovem em casa e

protegê-los. Ou seja, espera-se muito da juventude, mas pouco se é dado a ela (SANTIAGO, 2016).

A PERSPECTIVA DA JUVENTUDE QUE FREQUENTA O CHÃO DA ESCOLA

A relação da juventude com a escola também foi se modificando com o passar dos anos, antes as escolas públicas brasileiras de ensino médio recebiam somente os jovens advindos das classes média e alta, filhos de pais ricos, que possuíam muito mais vantagens em termos de aquisição do conhecimento. Mas, a escola passou a atender aqueles jovens com um patrimônio capital bem menor, tanto econômico, social, cultural quanto educacional. Conforme Dayrell (2007, p.1116) “[...]as escolas públicas de ensino médio no Brasil, até recentemente, eram restritas a jovens das camadas altas e médias da sociedade, os ‘herdeiros’, segundo Bourdieu, com uma certa homogeneidade de habilidades, conhecimentos e de projetos de futuro”. A partir do momento que a escola se torna mais democrática e abre suas portas para a pluralidade de jovens, precisou lidar, também, com situações de disputas com os recursos tecnológicos que propagam informações, problemas de hostilidade, e a presença dos responsáveis pelos estudantes nas avaliações realizadas com os professores e a escola. Ou seja, a escola passa a absorver as interferências da conjuntura social do momento.

Com a chegada destes jovens na escola, ela passa a ter dificuldades em conseguir se alinhar à nova demanda, de modo que os novos estudantes passam a sentir na pele as restrições postas por ela, já que estava acostumado a atender outro público, que já tinham um direcionamento estabelecido, o de entrar na universidade. Estes novos estudantes, jovens, por sua vez, vivenciam outra realidade na sociedade, passam dificuldades em suas casas, convivem com inúmeras tragédias nas comunidades em que residem. É nesse sentido, que Dayrell (2007, p.1116) discorre que “esses jovens trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares e colocando novos desafios à escola” Nesse entendimento, Freitas (2010) alerta sobre a relevância de a escola permitir que as incoerências e contradições do seu entorno penetrem nela, pois assim possibilitará aos jovens se perceberem dentro destas lutas e conflitos, gerando neles a necessidade de refletir e se posicionar em meio ao caos ao qual está imerso.

Nessa circunstância, se antes as escolas públicas obedeciam a um padrão social, forçadamente por uma elite, ela agora se vê livre, pois ao passo que os jovens pobres acessam à escola, os jovens ricos se deslocam para as escolas privadas, que crescem intensivamente, criando um sentimento de superioridade destas últimas, sobre as primeiras. A escola pública passa então a ser a dos filhos dos proletários e a escola privada a dos filhos das elites. Destarte,

a educação pública, que atende aos pobres, tem sido direcionada a um repasse mínimo de conhecimentos culturais e científicos, pois o foco passou a ser preparar o estudante de acordo com os moldes mercadológicos do sistema neoliberal. Já a educação para a elite foca no repasse de conteúdos e no preparo intelectual, para que seus jovens atuem em funções de comando, liderança e de alto nível intelectual. Para Dayrell ocorreu

[...]uma nova face da elitização que consolidou o sistema público de ensino no Brasil como uma 'escola para pobres', reduzindo e muito o seu poder de pressão e o zelo pela qualidade. Nesse processo, o próprio sentido do ensino médio veio se transformando. Antes, significava o caminho natural para quem pretendia continuar os estudos universitários. Agora, principalmente com a sua incorporação à faixa de obrigatoriedade do ensino, tornou-se também a última etapa da escolaridade obrigatória e, para a grande maioria dos jovens, o final do percurso da escolarização (DAYRELL, 2007, p. 1116).

As mudanças pelas quais passou a escola a conduziu para o que hoje representa na vida da juventude. Agora ela é o ponto de chegada e o ponto de partida, todos e todas devem passar por ela, obrigatoriamente, como uma condição principal, para a conquista do trabalho, no mundo do capital. A saída da elite jovem da escola a desestruturou a tal ponto de perder significativamente a sua qualidade, como também, fez emergir a discussão sobre o tipo de ensino médio que deveria ser oferecido a esta juventude, o propedêutico ou o profissionalizante. Esta assimetria ainda presente nas escolas públicas entre aquilo que elas ofertam e o que os jovens/estudantes esperam dela vem sendo alvo de muitos problemas. A visão disseminada socialmente do jovem como um estorvo invadiu os muros da escola, e criou uma imagem negativa onde deveria ter sido criado uma concepção coerente com a realidade deste grupo social. Ainda na perspectiva de Dayrell, é importante enfatizar que

Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o 'jovem' existente no 'aluno', muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta (2007, p.1117).

Os jovens acabam sendo responsabilizados por serem o que são, ou seja, "Jovens". A falta de compreensão da escola de que eles além de serem estudantes são também jovens têm provocado essa disparidade de interesses. Esta situação veicula a construção de um dilema, no entanto, em vez disso, deveria ser construída uma base de apoio, para o perpassar de uma etapa tão complexa da vida e que a escola está intrinsecamente ligada. Diante disso, afirma Dayrell (2007, p.1118) "parece que a instituição escolar torna-se parte dos problemas que ela se propôs a resolver". Ao tentar fazer do jovem apenas um estudante a escola retira dele uma identidade,

uma cultura, o sentido de pertencer a algo e o de vivenciar circunstâncias que lhes são muito específicas. Segundo Dayrell,

[...] o jovem aluno vivencia a ambiguidade entre seguir as regras escolares e cumprir as demandas exigidas pelos docentes, orientadas pela visão do 'bom aluno', e, ao mesmo tempo, afirmar a subjetividade juvenil por meio de interações, posturas e valores que orientam a ação do seu grupo (2007, p.1121).

Para esta juventude a escola é também espaço de sociabilidade, ela deseja estudar e ser o estudante de referência que a escola almeja, mas quer além disso. Deseja cultivar suas relações, formar seus grupos de interesses, definir objetivos de luta, delimitar quem são seus parceiros, quem são seus adversários, querem conhecer a si e juntamente os outros. Como é possível vislumbrar abaixo, eles reconhecem a importância da escola, mas não se sentem incluídos nela, assim, de acordo com Dayrell,

tem sido reiterada a crítica dos alunos a um currículo distante da sua realidade, demandando que os professores os 'situem na matéria', ou seja, os ajudem a perceber o que determinado conteúdo tem a ver com eles e sua vida cotidiana. Por outro lado, o investimento dos alunos e o seu envolvimento com as disciplinas são diferenciados, dependendo da forma como cada um elabora o seu estatuto como aluno, mas também com a capacidade de atribuir sentido ao que é ensinado, condição essencial para a aprendizagem (2007, p.1122).

O que tem sido visto é que a juventude ainda reivindica seu lugar na escola, espera que ela possa ser coerente com suas realidades de vida, que os ensine a lidar com as ocasiões da vida, que seja mais objetiva e mais lúdica, que mostre de forma clara como determinado conteúdo pode fazer sentido em suas existências. Mas, esta exigência sofre intervenção da maneira como o jovem constrói a sua percepção de estudante, pois há aqueles que sequer se sentem como um. São implicações que dificultam a passagem desses sujeitos pela escola, tendo como consequência a não construção do sentido de fazer parte dela. Mostrar a percepção que os jovens têm da escola é um dos caminhos mais propícios para que se modifique a concepção que se criou da juventude como causadora de problemas.

Nas escolas, os professores têm tido dificuldade em lidar com esses sujeitos, muitos criam estereótipos de que essa nova geração é indisciplinada, que só quer diversão, que não os respeitam e não possuem perspectiva do futuro. Mas, esse é um erro que vem se repetindo nos discursos dos professores que educam os jovens atuais. No entanto, é necessário pensar que o contexto em que a nova juventude se insere é de muita revolução tecnológica e de demandas aligeiradas, forçando-os a aprenderem a lidar com esse novo mundo. E nisso consiste que a escola e os professores precisam se preparar mais, para atenderem às novas necessidades das juventudes, ainda que boa parte delas continue sem acessar direitos.

O modo como a juventude tem construído suas diferentes concepções a respeito da escola e da educação designa uma relação determinada pelas sensações de “esperança ou desesperança” que podem ou não contribuir para suas expectativas de futuro, de trabalho e de vida pessoal. Nesse sentido, conforme a juventude mantenha uma ligação positiva com a escola, a forma como os seus professores os veem pode ser transformada, de uma perspectiva de desinteresse, desrespeito e falta de educação, em uma postura de sujeitos possuidores de potencialidades, que lhes reivindicam uma contribuição pedagógica de qualidade (SANTIAGO, 2016). Atualmente a maior parte dos jovens acessam às tecnologias, a diversas mídias e dificilmente encontram limites de espaço e tempo, como acontecia com as gerações jovem e adulta anteriores a era contemporânea. É comum ver os pais pedindo ajuda aos filhos para fazerem uso dos recursos tecnológicos, bem assim também acontece na escola, os estudantes têm ensinado aos seus mestres esse novo mundo. Mas, não é só isso que estes sujeitos têm a oferecer à escola. Neste sentido, é que

[...] o ‘tempo dos jovens’, vivido no mundo lá fora não condiz com o tempo da escola. No interior da escola, os jovens são convidados a desacelerar, permanecer sentados, quietos e atentos a um só estímulo que pode ser o professor, o quadro ou o livro. Nunca todos de uma vez! Bem diferente do modo como os jovens fazem com as tecnologias: vários aparelhos, vários programas, vários dispositivos, várias abas... (SANTIAGO, 2016, p.43).

Por esse motivo, que cada vez mais, os jovens estudantes se mostram insatisfeitos com que recebem da escola, pois estão atentos a tudo que se passa aos seus redores, percebem as inadequações e as contestam, discordam delas, demandam mudanças nas ações que lá se desenvolvem. A vista disso, que Santiago (2016) expõe que não há outro modo da escola se tornar coerente para seus estudantes se não for por meio da escuta sensível aos seus desejos, com a criação de mecanismos para que eles possam se expressar, e que todos juntos possam construir um espaço educativo que seja significativo para os estudantes, já que este é objetivo final da educação escolar, produzir um homem-histórico, cidadão, capaz e autônomo.

Por meio das entrevistas Santiago (2016) constatou que para os jovens a finalidade da escola é a construção do conhecimento e a qualificação profissional, ambos resultaram com uma porcentagem de 50% cada. E 25 % deles entendem que essas finalidades os levarão a ter uma melhor qualidade de vida. Sobre o que mais gostam na escola, 90% afirmaram que aprender e estudar áreas do conhecimento com que eles se identificam, além de construir amizades. Outros 10 % afirmaram que gostam das metodologias, dos professores e outras atividades. Em relação aos pontos negativos da escola, na visão destes jovens, tem-se que 90% deles acreditam que são as questões didático-pedagógica, e 10% afirmam ser o currículo ou os

processos administrativos. Quando se questionou sobre o desejo de mudança 90% deles apontaram para os pontos negativos que eles identificaram, como as questões de metodologia, avaliação, didática, relação do professor com o estudante, entre outros, já os demais 10% falaram a respeito da segurança no espaço escolar (SANTIAGO, 2016). A pesquisa da autora concluiu que os jovens querem estar na escola e que gostam de estudar, mas desejam que ela se renove e que tenha melhores condições para atendê-los, junto às suas reais necessidades. Para esses estudantes a escola deve ser acolhedora em vez de ser excludente, e deve assumir sua responsabilidade social de formar pessoas para conviver em cidadania e garantir oportunidades iguais para todos, com acesso aos mesmos direitos sociais e tendo os professores como um dos pontos chaves para essa transformação, já que são eles que lidam diretamente com as juventudes (SANTIAGO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é o espaço que a juventude tem para se expressar e para aprender os conhecimentos científicos que sustentam o funcionamento do mundo e da vida, é preciso que eles tomem posse desses saberes para se desenvolverem. E com isso, terem condições de fazerem escolhas, de tomarem decisões assertivas e conscientes dos seus resultados. Além disso, o que tem predominado tanto na escola quanto nos demais âmbitos de suas vidas são as injustiças a que são submetidos, sobretudo os jovens das classes baixas. Exige-se que sejam grandes, que conquistem espaços, que sejam autônomos e empreendedores, donos de si, competitivos e produzam riquezas, mas nenhum recurso lhes é destinado, nenhuma oportunidade lhes é dada. A escola se furta do seu dever de subsidiar as necessidades deles (estudantes/jovens). Quando a escola falha em sua função e não cumpre com sua missão de transformar seres humanos em cidadãos, em produzir o homem-histórico, ela retorna para a sociedade seres falhos e falidos. Nos dizeres de Dayrell (2007, p.1125-1126) o que parece que os/as jovens realmente esperam da escola são “recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida, em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino”.

O que os jovens almejam é serem aceitos e entendidos pela escola, recebendo dela as ferramentas necessárias para que se desenvolvam plenamente. Mas há uma condição essencial para a continuidade do exercício desse trabalho pela escola, a de conhecer a juventude em seu processo histórico e perceber que ela não se inaugura e nem se forma a partir da escola, mas já chega nela imbuída de saberes e valores. Desta maneira, a escola não fez juventude, pois os jovens ao chegarem na escola já vivenciaram suas Condições Juvenis em ambientes exteriores

a ela. Se a escola não fez a juventude ela assume um papel determinante no processo escolarizante desses sujeitos e cada vez mais demanda rever suas prioridades. Para tanto, não podia ser diferente, já que passar pela escola é um dos princípios que se tornou básico na sociedade atual, para a conquista de uma oportunidade de trabalho.

O trabalho é essencial na vida das juventudes mais pobres, por meio dele ela consegue assumir sua condição de jovem com maior potencial. É uma realidade latente a categoria do trabalho cerrada com a juventude das camadas populares. O trabalho permeia todo seu processo de manutenção da vida, de contribuir com a família, de ter condições de suprir com suas carências e conseguir ultrapassar os limites impostos pela desigualdade social. Por isso, o trabalho faz a juventude, porque sem ele, os (as) jovens estão desarmados no embate diário de sobreviver ao caos que é o pauperismo. E a escola deve atuar para que esses jovens recebam uma educação integral, que contemple todos os aspectos de suas vidas, desde os conhecimentos científicos construídos historicamente pela humanidade, as novas descobertas, até os saberes subjetivos de formação emocional, cognitiva, e aqueles relacionados aos direitos e deveres público e privado de cada indivíduo. À luz das considerações apresentadas, é significativo esclarecer que a educação precisa ser tratada enquanto Política de Estado, com o estabelecimento e implantação de políticas públicas que atendam às reais finalidades e necessidades das juventudes, pois, caso contrário, permanecerá a formação de uma juventude que não percebe seu valor e que se sente perdida em meio ao que a escola oferece, e ao que exige a vida na sociedade hodierna.

REFERÊNCIA

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cad. Pesq.**, São Paulo (77): 53-61, maio 1991.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” juventudes? Reflexões em torno da socialização Juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

FREITAS, L. C. DE. Avaliação: para além da “forma escola”. **Educação: Teoria e Prática**, v. 20, n. 35, 2010.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: **UFG**, 2011. 72 p.

SANTIAGO, Sandra Alves da Silva. Educação, escola e perspectiva de futuro: o que pensa a juventude? **Espaço do Currículo**. V.9, n.1, p.39-47, jan./abril. 2016.